PLANETA EROS
Maria de Regino

Maria de Regino

PLANETA EROS

Ilustração:
Maria de Regino e Adriano de Regino

Goiânia-GO

Apoio

FL FACULDADE DE LETRAS
UFG UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Apresentação

FUNDO DE ARTE E CULTURA DE GOIÁS
SECULT Secretaria de Estado da Cultura
GOIÁS GOVERNO DO ESTADO CONTE COM ESSA FORÇA

Este projeto foi contemplado pelo Edital de Fomento à Literatura do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2017

Copyright © 2023 by Maria de Regino

Comissão Técnica

Editor
Felipe Barros

Projeto gráfico
Tatiana Lima

Coordenação editorial
Pablo de Regino

Preparação dos textos
Maria de Regino

Ilustração
Maria de Regino e Adriano de Regino

Designer da capa
Eliseu Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Bibliotecário responsável legal: Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região) 3294

R335 REGINO, Maria de.

Planeta Eros./ Maria de Regino. – Goiânia: Kelps, 2023.

108p.

ISBN: 978-65-5370-246-2

1. Literatura brasileira. 2. Ficção . I. Título.

CDU: 821.134.3.(81)-9

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade do autor

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

Parte 1: O Contato 5

Parte 2: O Segredo 27

Parte 3: O Retorno 54

Parte 4: A Eternidade 78

PARTE UM

O CONTATO

1

As naves de Gaia atravessaram a turbulência luminosa que antecedia o Portal Delta, uma das passagens interdimensionais sob o controle da Federação Cósmica. Ao final da travessia, vinte e um anos-luz separavam as naves de seu sistema planetário de origem.

Nas telas da sala de comando da frota, em vez de Helios, o sol amarelo que iluminava os dias em Gaia, dominava Logos, um grande astro dourado, centro de um sistema de onze planetas.

Sob o comando de Tehon o curso foi corrigido e a visão imponente de Logos desapareceu das telas. Pouco depois, sob os olhares atentos da tripulação, surgiu Eros, o objetivo daquela viagem. O planeta azul parecia flutuar no espaço como uma esfera frágil e solitária.

As naves se prepararam para atravessar os cinturões de radiação e entrar na atmosfera. Os contatos iniciais pareciam confirmar as informações enviadas pelas sondas. Era um planeta rico em oxigênio, água, vegetação e vida animal primitiva.

Aquele era um grande momento. Pela primeira vez naves tripuladas desciam no planeta Eros. Se tudo corresse bem, dentro de poucos anos parte da população de Gaia seria transferida para aquele novo mundo, dando início à sua colonização.

Quando os membros da expedição desceram de suas naves, pisaram um solo escuro, forrado por uma espécie de musgo macio. Uma grande planície se estendia a perder de vista. Verificaram o norte magnético. Somente a oeste, bem distante, a linha quase reta do horizonte se erguia, desenhando o perfil de altas montanhas. Amanhecia em Eros.

Foram desembarcados equipamentos de medição e prospecção, além de veículos anfíbios especialmente projetados para a exploração de uma superfície rica em recursos hídricos. Equipes de cientistas seguiram em diferentes carros, tomando várias direções. Geólogos e engenheiros permaneceram no acampamento, trabalhando em um levantamento minucioso das condições do subsolo. Naquele local seria construída "Nova Gaia", a primeira cidade de Eros.

Tehon, o velho e experiente comandante da frota interestelar, observava um grupo que trabalhava na remoção da cobertura vegetal de uma pequena área. Haviam separado

alguns torrões para exame posterior e, entre as raízes, na terra macia e solta, se movimentavam pequenos insetos. Aquele solo era vivo e fértil, como havia sido o solo de Gaia antes que se esgotassem os seus recursos naturais. Fora das imensas cúpulas e das cidades subterrâneas, Gaia era um planeta morto.

Delicadas flores brancas fizeram Tehon se lembrar da promessa de levar sementes para o pequeno jardim de sua filha Psykhé. Respirou profundamente o oxigênio farto da atmosfera de Eros. Aquele planeta, pleno em recursos naturais, surgia como a única possibilidade de sua filha mais nova, uma "excedente", integrar-se à comunidade de Gaia e ser reconhecida como cidadã.

Pensando em Psykhé veio a saudade. Embora fosse impossível confessar, amava-a mais do que às suas duas outras filhas. Colheu uma flor, fechou os olhos e viu o rosto delicado de Psykhé colado ao violino, emergindo com sua música de uma profusão de flores antigas. Cosmos, cravinas, margaridas...

Nesse momento o comandante sentiu uma vertigem e sua vista escureceu. Somente a imagem de Psykhé continuou perceptível. Como em um sonho luminoso, sua filha tocava de olhos fechados, envolvida pela música, virando a cabeça suavemente e sorrindo. Uma voz distante o chamou:

— Comandante...

Tehon abriu os olhos com dificuldade. A luz incomodava e a cabeça doía como se tivesse levado uma pancada forte. Estava deitado em sua cabine e a médica da expedição

verificava sua pressão arterial. O comandante perguntou o que havia acontecido.

— O senhor desmaiou. Como está agora?

— Minha cabeça dói.

— Isso tem acontecido com frequência?

Tehon respondeu que não e fez uma careta diante do comprimido que a médica lhe estendia. Teria recusado, se a cabeça estivesse doendo um pouco menos. Não gostava de tomar remédios.

— Comandante, o senhor precisa descansar. Tem alguma ordem para o subcomando?

Tehon fez que não. Fechou os olhos e sentiu crescer com o sono uma sensação estranha, indefinida, que talvez significasse perigo. Afinal, adormeceu.

A rotação daquele planeta, um pouco mais rápida do que a rotação de Gaia, fazia com que os dias em Eros fossem mais curtos. Pouco antes de escurecer, os dois últimos veículos de reconhecimento voltaram e foram recolhidos às naves.

Cientistas e pesquisadores estavam fascinados com as possibilidades daquele novo mundo. Montes, vales, pequenas matas, cavernas e rios da região haviam sido explorados com a ajuda de drones e os pontos mais importantes, assinalados nos mapas. Muitas amostras de água, solo, insetos, minerais e vegetais foram recolhidas e levadas aos laboratórios.

Antes que Logos desaparecesse no horizonte a tripulação já havia se colocado ao abrigo das naves. A noite seria, decerto, muito escura, já que o planeta não tinha nenhum satélite.

Conforme o programado, deveriam jantar e trabalhar mais algumas horas nas pesquisas, no entanto, um sono irresistível tomou conta da tripulação. As tarefas planejadas para aquela noite foram adiadas e, quase em seguida, todos dormiram profundamente.

Nuvens baixas, estranhamente luminosas, espalharam-se sobre o acampamento. Pouco depois, uma forma de energia desconhecida percorreu cada uma das naves, examinando os computadores, os instrumentos de bordo, e também as mentes dos homens adormecidos.

2

Na manhã seguinte toda a tripulação acordou bem tarde, queixando-se de náuseas e dores de cabeça. Desconfiados da possibilidade de algum elemento tóxico na atmosfera, os pesquisadores suspenderam os trabalhos fora do acampamento. Seria prudente que aguardassem os resultados das análises do ar.

Foram os operadores da central de computadores que descobriram a estranha "visita" noturna. Nas viagens espaciais, as naves e seus tripulantes sofriam um bombardeio constante de partículas cósmicas e, por isso, os detectores dessas partículas permaneciam ligados, permanentemente, aos computadores. Nos relatórios daquela noite, além do registro de uma ocorrência anormal de neutrinos, havia também referência a uma "concentração de energia não-identificada" que, aparentemente, percorrera de ponta a ponta cada uma das naves.

Durante anos, todo o trabalho de rastreamento biológico em Eros não havia acusado nada além de microorganismos, insetos e pequenos seres aquáticos. Ali a natureza parecia ter se esquecido de continuar a escalada para as grandes formas. Uma das finalidades da equipe de paleontólogos, que havia se integrado à expedição, era tentar localizar possíveis terrenos ricos em fósseis. Havia dúvidas se, em algum ponto da história do planeta, os grandes animais teriam sido extintos, como em Gaia, ou se jamais haviam existido.

Até então, sob todos os aspectos, Eros parecia ser absolutamente perfeito para abrigar o povo de Gaia. Mas se fosse constatada a presença de algum tipo de vida inteligente e hostil, tudo poderia mudar.

Sucediam-se hipóteses para o estranho fenômeno. No entanto, anoiteceu sem que se tivesse chegado a qualquer conclusão. Como não encontraram nenhuma outra anormalidade nos registros dos computadores das naves, todos foram dormir bem cedo, depois de deixarem acertado que reiniciariam as atividades de campo no dia seguinte. Alguns, porém, mais impressionáveis, reclamavam da incômoda sensação de se sentirem observados.

No dia seguinte, ainda de madrugada, Tehon examinou os relatórios dos computadores das naves. Tudo parecia normal. Estava vistoriando os equipamentos quando, de repente, movido por um impulso irresistível, ligou o painel onde se projetavam as imagens do exterior e viu algo assombroso. Todas

as naves da frota emitiam um brilho fosforescente e esverdeado, semelhante à luminosidade que parecia se desprender dos metais da fuselagem quando cruzavam a dimensão Delta.

Passado o impacto do primeiro instante, Tehon consultou os computadores. A resposta, quase imediata, confirmou suas suspeitas. Estavam envolvidos por alguma espécie de campo de força. O comandante acionou o alarme geral e, pouco depois, a tripulação de cada uma das naves se aglomerava diante das telas das cabines de comando, observando o que se passava lá fora.

Logos despontava no horizonte e, para assombro de todos, algo fantasticamente grande começou a tomar forma dentro da área limitada pelo campo de força. Acompanhar aquela materialização era algo aterrador. Embora repulsiva, a criatura tinha um fascínio quase hipnótico, mais forte ainda que o horror inspirado pela visão de seu corpo descomunal. Então, uma voz autoritária, que parecia vir de todos os lugares, penetrando os corpos com sua vibração, repetiu várias vezes:

"Devolvam o que é meu!"

Vencido o terror inicial, as atenções se voltaram para as palavras da estranha criatura. Afinal, o que ela ordenava que fosse devolvido?

Instantes depois, quando fortes estrondos sacudiram algumas das naves, houve um começo de pânico entre os tripulantes. Os laboratórios que continham as amostras colhidas em Eros estavam aos pedaços. As paredes externas,

em alguns pontos, apresentavam enormes rombos. Do material recolhido no primeiro dia de trabalho no planeta não sobrara absolutamente nada.

3

Depois da explosão dos laboratórios a criatura desapareceu, mas não o campo de força, que mantinha a tripulação prisioneira. Uma equipe formada pelos melhores cérebros da expedição passara toda a noite em busca de novos dados e de explicações para aquela situação insustentável.

O comandante se aproximou do grupo e ficou algum tempo em silêncio com suas próprias preocupações. Depois das muitas tentativas inúteis de romper o campo de força, os cientistas decidiram voltar a atenção para a criatura. Talvez pudessem se comunicar com ela e descobrir eventuais pontos fracos. Apesar de sua forma aterrorizante, era certamente um ser inteligente, capaz de se comunicar no idioma falado em Gaia.

Todas as tentativas de contato, porém, foram inúteis. Era como se o monstro, depois de aprisioná-los e de explodir seus laboratórios, deliberadamente os ignorasse.

Com um gesto de desânimo, Akésius, um jovem cientista da equipe, desligou o terminal do computador e afastou de si as anotações. Tehon tocou seu ombro:

— Alguma novidade?

— Nada, comandante. Nossos registros não fornecem nem mesmo os dados biológicos do monstro alienígena.

Tehon olhou em volta procurando uma cadeira. O rapaz continuou:

— Estive pensando em uma possibilidade. Talvez esses dados não existam.

— Como assim?

— Os computadores indicam uma concentração de energia que atua de forma inteligente. E o que é energia? Apesar de conhecermos os usos de diferentes formas de energia, não sabemos o que ela é realmente.

Nesse momento uma jovem bióloga aproximou-se para ouvir o que Akésius dizia e sentou-se em uma banqueta, ao lado do comandante:

— Pensar, estar consciente, requer energia. Essa criatura, pura energia, poderia ser uma forma desconhecida de consciência!

Um traço fundo entre as sobrancelhas marcou o rosto bonito da bióloga.

— É difícil acreditar que aquela aranha gigantesca seja somente um aglomerado de energia. Suas formas são tão perfeitas... ela é tão...

Interrompeu o que ia dizer quando percebeu a expressão estranha com que todos a observavam.

— O que foi? Por que estão me olhando assim?

— Repita, por favor, o que disse sobre a forma da criatura — pediu Tehon.

A moça pareceu intimidar-se com os estranhos olhares dos colegas.

— Bem... Eu acho que... Acho que sua forma era muito bem definida.

— Sim, mas que forma?

— Ora, a que todo mundo viu. Tinha a forma de uma aranha gigantesca.

Olhares se cruzaram cheios de perplexidade. Akésius estava lívido.

— Eu vi um macaco monstruoso, peludo, com dentes assustadores.

Tehon, atônito, descreveu a estranha criatura:

— Era um dragão alado, enorme, com escamas prateadas e olhos de fogo...

Nesse momento ouviram um som muito agudo e nas telas de todas as naves surgiu um nome:

"*Tehon*"

Não havia dúvida. A criatura poupava seus prisioneiros do espetáculo desagradável de sua presença e comunicava-se através dos computadores.

O comandante sentou-se diante de um dos terminais. Quase imediatamente duas novas palavras apareceram abaixo da primeira:

"*Quero Psykhé*."

Tehon, perplexo, olhava a tela sem entender o significado daquela exigência. Atrás dele uma voz de mulher perguntou:

— Temos alguém com esse nome em nossa tripulação?

Em seguida veio a ordem:

"*Prepare uma nave, reúna a tripulação necessária e vá buscá-la imediatamente*."

O comandante era um homem experiente e corajoso. Havia levado muitas outras expedições através da dimensão Delta e enfrentado várias situações difíceis, mas naquele momento sentiu que as forças lhe faltavam. Foi tomado por um começo de pânico. A mensagem não deixava nenhuma dúvida. O que aquela coisa monstruosa estava exigindo era a sua filha. Perguntou quase aos gritos:

— Por quê? Por que Psykhé?

A resposta foi uma ameaça:

"*Traga-a para mim ou todos morrerão*."

Minutos depois Tehon reuniu alguns homens e preparou-se para partir. Uma estreita passagem se abriu no alto da cúpula esverdeada que envolvia o acampamento. A nave se ergueu verticalmente do solo, ganhou altura e desapareceu entre as nuvens do céu de Eros.

4

Diante da tela de comando, ao lado de seu pai, Psykhé observava Gaia e seu único satélite, Selene. Assim, de longe, era bonito ver os dois astros juntos, companheiros na imensidão do espaço. Gaia, com suas grandes manchas avermelhadas, trazia ainda alguns traços de sua antiga cor. Poucas centenas de anos antes, quando sua atmosfera ainda era rica em nitrogênio e oxigênio, Gaia era azul.

Durante quase toda a sua vida Psykhé havia sonhado com aquela emoção tantas vezes descrita pelo pai. Gaia vista do espaço! Um sonho impossível para alguém como ela, uma "excedente", mesmo sendo filha do mais experiente e respeitado comandante das frotas espaciais de Gaia.

Na sala do comando, tendo a filha ao seu lado pela última vez, Tehon tentava controlar suas emoções. As duras leis de

controle populacional eram muito antigas. Quando a menina nasceu, apesar da longa luta nos tribunais, ele nada pôde fazer em favor de sua terceira filha. Os juízes eram claros. Diziam que uma raça sob ameaça de extinção, não podia se dar ao luxo de permitir escolhas individuais.

Ao deixar o planeta Eros para cumprir as exigências da criatura alienígena, Tehon já sabia que o destino de Psykhé estava traçado. Nenhuma voz além da sua se ergueria para defender a menina.

A nave seguiu a toda velocidade, em direção à passagem interdimensional Delta e logo o planeta Gaia foi deixado para trás. Enquanto se preparavam para a travessia, Tehon, com a alma atormentada, observava o perfil delicado de Psykhé contra a grande tela negra de um dos computadores de bordo. Tinha pouco mais de quinze anos e, de suas três filhas, era a mais bela, a que mais se parecia com a mãe.

Com a lembrança da mulher, morta havia muitos anos, antigos acontecimentos voltaram à memória do velho comandante. A chegada da primeira filha tinha sido uma experiência extremamente feliz, e assim optaram por uma segunda gravidez. Depois, sem que houvessem planejado, tiveram uma terceira filha, Psykhé, uma criança que as leis de Gaia consideravam uma "excedente".

Em Gaia, os excedentes eram casos raros, pois quase ninguém se dispunha a ir contra as leis de controle populacional. Se um casal tivesse um único filho, a criança recebia do Estado

toda a assistência necessária: educação, saúde e alimentação. Se resolvessem ter um segundo filho, eram obrigados a custear todas as despesas da criança.

Aqueles que geravam um terceiro filho, porém, estavam sujeitos a penalidades como o aumento dos impostos e a proibição de frequentar lugares públicos. As crianças nessa situação eram discriminadas, consideradas excedentes, e isso significava que jamais teriam qualquer direito civil. Além da proibição de frequentarem escolas, eram obrigadas, na adolescência, antes dos dezesseis anos, a se submeter à esterilização. A oportunidade de permanecerem vivas, à custa de grandes sacrifícios de sua família, era um de seus poucos direitos.

Tehon e sua esposa sabiam da importância dessas leis para a sobrevivência de todos em seu planeta, mas desafiando as leis de Gaia, optaram por criar sua terceira filha e arcaram com as consequências daquela decisão.

Graças ao controle das rígidas leis de Gaia, a população, assim como a produção de alimentos e de bens de consumo permaneciam estáveis há anos. Não havia possibilidade de crescimento dentro das estruturas que isolavam as cidades de Gaia, protegendo os seus moradores da atmosfera rarefeita do planeta. No entanto, um fato novo poderia vir a alterar não somente as leis, como também a organização política e social daquele povo, remanescente de uma grande raça.

Com a descoberta de novas tecnologias para o uso das passagens interdimensionais no espaço cósmico, a exploração do universo havia se tornado, afinal, uma realidade. Distâncias de centenas de anos-luz podiam ser vencidas em segundos através da dimensão Delta.

O acesso a novos sistemas planetários fazia renascer a esperança de encontrarem outro lugar, menos hostil, para onde fosse possível transferir a população. Sabendo disso, Tehon e sua mulher resolveram ter aquela terceira criança, apesar de sofrerem pressões de todo tipo para que interrompessem a gravidez. O comandante sentiu um toque leve em seu braço:

— Pai...

Ao se virar, encontrou um sorriso. Os olhos de Psykhé tentavam lhe transmitir coragem. Uma voz avisou pelo intercomunicador:

— Em sessenta segundos atravessaremos a dimensão Delta, comandante.

Tehon verificou alguns dados no painel de comando. Um dia antes, reunira as filhas e fizera uma proposta desesperada: havia um planeta recém-descoberto, povoado por raças humanas primitivas. Algumas dessas raças eram muito parecidas fisicamente com o povo de Gaia. Tehon sugeriu que talvez pudessem misturar-se aos nativos sem que fossem percebidos por eles. Acreditava ser o único jeito de permanecerem juntos, os quatro, como uma família.

Nenhuma das moças aceitou a ideia do pai. A mais velha alegou estar começando sua carreira profissional. A do meio

garantiu que morreria longe do namorado e da turma do colégio. Psykhé, por sua vez, afirmou não poder aceitar a ideia de que todos os cientistas mantidos como reféns pela criatura pudessem ser sacrificados em seu lugar.

O comandante digitou os últimos ajustes para a rota e, em seguida, observou longamente a filha. Ela havia se inclinado para a frente e examinava as imagens da grande tela, atenta aos primeiros sinais da passagem pela dimensão Delta. Durante muito tempo Psykhé havia sonhado com uma viagem interdimensional. Ouvia os relatos do pai, pedia detalhes, minúcias... De certa forma estava realizando um desejo antigo e, apesar das circunstâncias, parecia feliz, indiferente ao seu destino.

O comportamento de Psykhé, sua grande sensibilidade e inteligência tinham sido sempre fonte de surpresas para os pais. Nascera com grande talento para a música, mas o que em outros tempos teria sido admirado, não era visto com bons olhos pelos conselhos governamentais. As artes eram consideradas uma perda de tempo e fator de desorganização social.

Toda a produção artística destinada ao entretenimento da população de Gaia era criada por computadores, de acordo com uma programação cuidadosa, preparada pelos conselhos de educação e cultura. Um trabalho meticuloso e eficaz, que em pouco mais de meio século havia conseguido colocar a memória artística do planeta no que consideravam ser o seu verdadeiro lugar: o semi-esquecimento.

No entanto, algumas famílias de longa tradição musical guardavam, como relíquias, velhos instrumentos, gravações e conhecimentos musicais que procuravam passar aos filhos. Era esse o caso da mãe de Psykhé, que herdara dos pais, junto a uma vasta biblioteca digital, muitas gravações sonoras e holográficas, além de alguns instrumentos musicais.

Aos três anos Psykhé foi tomada pelo fascínio da música e começou a tocar flauta doce. Com o auxílio da mãe, pouco tempo depois passou a estudar violino. Como não podia frequentar escolas, lia e aprendia em casa, sob a tutela dos pais, tudo o que mais a interessava. Aos quinze anos, tinha bons conhecimentos de história antiga, filosofia, física, matemática, astronomia, artes e, especialmente, música.

As luzes da sala do comando foram reduzidas. Começavam a atravessar a passagem interdimensional. Psykhé pegou a mão de Tehon e apertou-a com força, como se não pudesse suportar sozinha a grandiosidade do espetáculo. Falou bem baixo, quase que para si mesma:

— Os sons... Se pudessem ser vistos...

O comandante sorriu. Já havia pensado o mesmo diante da beleza visual que antecipava a travessia do portal dimensional Delta. As luzes e as cores em movimento comportavam-se como os sons de uma grande sinfonia cósmica. O computador registrava a contagem regressiva: ...quinze, quatorze, treze...

Tehon soltou a mão da filha com suavidade e fez um breve sinal de silêncio. Precisava ficar atento, pois qualquer erro poderia levá-los a centenas de anos-luz de seu objetivo.

...sete, seis, cinco, quatro, três, dois...

O turbilhão luminoso desapareceu e foi substituído pelo brilho intenso de Logos. Pouco depois, um astro envolto em muitos tons de azul apareceu na tela.

A primeira impressão de Psykhé ao ver o planeta flutuando no éter foi de solidão. Uma profunda e terrível solidão. Logo após a entrada na atmosfera, apareceu na tela do computador uma mensagem vinda da superfície, indicando as coordenadas para o pouso.

O local ficava a pouco mais de quinhentos metros do primeiro acampamento. De onde estavam podiam ver a grande cúpula luminosa, esverdeada, que marcava os limites do campo de força imposto pela criatura. Uma neblina fina e úmida parecia pairar sobre o manto verde de musgo que cobria a planície. Novas ordens exigiam que Psykhé desembarcasse só.

Corajosamente a garota pegou a mochila com algumas roupas, um agasalho e o estojo da flauta transversa, único instrumento que lhe haviam permitido levar de Gaia.

— Vamos, pai?

Tehon seguiu a filha como um autômato, a cabeça vazia de pensamentos. Abraçaram-se longamente e, em seguida, Psykhé desceu sozinha a rampa de desembarque. Chegando ao final da rampa ela parou e se voltou para o pai. Por um segundo pareceu hesitar, mas encontrou forças para um último sorriso e abandonou definitivamente a nave.

Como uma coisa viva, a neblina ficou mais densa, cresceu e foi envolvendo tudo. Um dos tripulantes veio avisar que uma nova mensagem ordenava a partida imediata de toda a frota.

Angustiado, Tehon buscou com o olhar o vulto de Psykhé no nevoeiro. Começava a ventar forte e um dos oficiais avisou que deviam se apressar, pois as outras naves já começavam a ganhar altura. Tehon gritou o nome da filha, procurando, desesperadamente, vê-la uma última vez. O vento dissipara a névoa e já não havia nada ali além da desolação da grande planície de Eros.

PARTE DOIS

O SEGREDO

5

Ele havia esperado muito tempo. Não sabia exatamente o que, ou por quem, estivera esperando assim, tão longamente, mas quando ouvia os sons do universo, sentia que alguma coisa essencial lhe faltava.

Embora seus poderes pudessem se estender através do tempo e do espaço, para além das fronteiras daquele seu mundo, pouco se afastava dali. Naquele dia, viu quando as naves entraram na atmosfera e ficou atento.

Humanos não eram novidade. Viviam em diversos sistemas espalhados pelas galáxias e, eventualmente, se aproximavam, atravessando as passagens interdimensionais. Habituado a se mover através de dimensões inimagináveis do espaço-tempo, nunca havia se prendido à estreita realidade desses seres e costumava ignorá-los. Agora, porém, era

diferente. Não se tratava de uma simples visita. Aquele grupo preparava a vinda de muitos outros.

Passou algum tempo observando as naves, os instrumentos e o trabalho que realizavam na coleta do que chamavam "amostras". Os pensamentos daqueles seres, concentrados nas tarefas que precisavam executar, mantinham-se ligados a assuntos relacionados com o presente e o futuro imediato.

Quis saber mais. Mentes humanas eram impressionáveis e podiam ser sondadas com facilidade. Em certo momento, percebeu que um deles, como se sentisse falta de algo que estivesse distante, mergulhava em lembranças pessoais. Penetrou nas recordações daquele homem e pôde sentir o que ele sentia. Observou as imagens despertadas pela memória de Tehon e descobriu Psykhé.

Através do grande amor que lhe dedicava o pai, viu o olhar doce da menina, a suavidade de seu sorriso e a beleza de sua música. Teria ficado muito tempo observando a imagem de Psykhé projetada pela mente de Tehon, se o homem não houvesse desmaiado. Alguns humanos perdiam os sentidos quando tinham a mente invadida.

Depois do desfalecimento do comandante, ele se afastou, mas voltou ao anoitecer e induziu toda a tripulação a um sono profundo. Pôde então examinar, atentamente, cada um daqueles cérebros. Depois passou aos computadores, onde se

inteirou dos programas e do funcionamento de tudo o que existia a bordo das naves.

Em poucas horas vivenciara as esperanças e os temores de todos aqueles seres. Mergulhara em seu inconsciente e resgatara a história de seu passado. Uma história de milênios de destruição.

Violentos e limitados por instintos ancestrais, aqueles homens haviam destruído Gaia com a avidez de um inseto que devora o próprio casulo. Embora estivessem prontos para descobrir novos espaços vitais em outros planetas, dificilmente deixariam de devastá-los com a mesma insensatez com que haviam devastado o seu próprio mundo.

No entanto, fazendo parte dessa realidade insana estavam Psykhé e sua música. Dentro dela, ainda por decifrar, havia um segredo obscuro, de cuja profundeza poderiam brotar infinitos prodígios e pequenos milagres, como o florescer da vida.

Amava-a. E mais do que isso, precisava dela. Sabia agora o que, por tanto tempo, havia esperando. Mobilizou o imenso arsenal de energias que tinha sob seu domínio e concentrou todas essas forças no objetivo de tê-la, o mais depressa possível, ao seu lado.

6

Ao pisar o chão de Eros, Psykhé sentiu os pés afundarem no musgo macio. Achou bom e experimentou mais alguns passos. O ar leve e frio trazia perfumes desconhecidos. Não se assustou quando a neblina ficou mais densa, cresceu e envolveu-a por inteiro. O vento passeava em seu corpo numa carícia suave, contínua. Fechou os olhos e concentrou toda a atenção nas impressões que chegavam através de sua pele.

Psykhé deixou cair a bagagem que levava e abandonou-se à vontade de se deitar sobre aquele colchão de musgo verde. Sentiu crescer, junto com um sono absolutamente irresistível, uma agradável sensação de aconchego e segurança. Adormeceu quase imediatamente, sem ouvir os chamados desesperados do pai ou a partida das naves que voltavam para Gaia.

Acordou ao som de um murmúrio doce de água. Estava deitada, em completa escuridão, sobre uma superfície dura e

lisa. O primeiro momento foi de ansiedade, após perceber que não estava em sua cama. Levou algum tempo para se recordar do que havia acontecido.

Lembrou-se do rosto triste do pai na despedida, das primeiras sensações ao pisar o planeta, do estranho sono... Quanto tempo teria dormido? Pensou na criatura monstruosa que exigira sua vida pela dos outros membros da expedição. Lembrou-se mais uma vez do pai, do sofrimento que havia em seus olhos, e chorou. Chorou longamente.

Depois de algum tempo, começou a clarear. Aqui e ali cintilavam pequenos pontos brilhantes. Psykhé descobriu então, maravilhada, estar em uma espécie de caverna, semelhante a um gigantesco geodo de cristal. Pontas e tubos translúcidos, imensos, brotavam das paredes, do piso e do teto alto de basalto negro.

A face larga e hexagonal de um desses cristais gigantescos lhe servira de cama. Sentou-se. Pouco adiante, sobre preciosas formações cristalinas, estavam sua flauta, sua mochila e seu agasalho.

De repente um ponto pareceu incendiar-se de luz quente e dourada. Todo aquele estranho e belo lugar se iluminou. As pontas de cristal rebrilhavam e dentro dos enormes tubos hexagonais algumas falhas cristalinas exibiam as cores do espectro luminoso, como pequenos arco-íris.

Psykhé mal conseguia respirar. Impossível sonhar tanta beleza. Caminhou em direção à luz e encontrou uma fenda

na pedra, levemente oval, como uma pequena janela. Logos acabava de despontar no horizonte.

O lugar onde estava era alto. Dali se descortinava uma larga planície, percorrida por dois rios que brilhavam como joias vivas sob a luz nascente. Respirou gostosamente o ar leve da manhã, sentindo o calor agradável daquele novo sol.

O som da água corrente ficou mais forte. Psykhé voltou sua atenção para o interior da gruta e examinou o espaço à sua volta, procurando uma saída. Ao lado de uma explosão de formas cristalinas, uma espécie de corredor levava a outra fenda maior, mais larga e levemente arqueada no alto, como um antigo portal. Atraída pelo ruído alegre da água corrente, que parecia vir dali, caminhou em direção ao portal de pedra.

Do lado de fora, a poucos passos da entrada da gruta cristalina, Psykhé viu um córrego que emergia de um emaranhado de plantas e pedras. Depois de formar uma piscina natural de águas calmas e transparentes a corrente seguia seu curso, desaparecendo entre tufos de vegetação densa.

Psykhé caminhou devagar até a beira da água. Longas folhas azuladas pareciam dançar na correnteza, presas a um fundo de areia e pequenas pedras. Fascinada, ela se debruçou sobre a superfície espelhada. Seu cabelo escorregou dos ombros e as pontas tocaram a água, desfazendo a imagem ali refletida.

Quando outra vez a superfície líquida se aquietou, percebeu que acima de seu próprio reflexo havia outra face, monstruosa e repulsiva. Virou-se com um grito, esperando

encontrar a criatura descrita pelo pai. Mas não viu nada assustador ao redor. Além dela mesma, não havia ninguém mais ali.

7

Confusa e amedrontada, Psykhé correu de volta para a caverna. O coração batia forte. Lá dentro, porém, uma surpresa agradável a esperava. Um perfume doce impregnava o lugar. Ao lado da flauta alguém havia arranjado com arte algumas flores e frutas. Sobre o cristal que lhe servira de cama, encontrou o presente de uma única, grande e preciosa flor. Uma rosa branca.

As frutas eram atraentes e pareciam deliciosas, mas com o susto a fome havia desaparecido. Pegou a rosa e tocou de leve suas pétalas, relembrando os acontecimentos dos últimos dias.

Em Gaia, ninguém sabia explicar a razão pela qual o monstro exigira sua presença em Eros. Ela, porém, desde o início havia procurado se conformar com os fatos e não pensar muito no que poderia lhe acontecer de pior. Houve um momento em que chegou a se alegrar com aquele acontecimento inesperado que lhe daria a oportunidade única de uma viagem através da

dimensão Delta. Mas havia o pai... Lágrimas quentes brilharam em seu rosto. Pensando no que seria sua vida ali, longe de sua família, sentiu-se muito só.

Naquele momento, de algum ponto no interior da caverna, uma voz chamou:

— Psykhé...

Depois, com suavidade, continuou:

— Venha, não tenha medo...

Era difícil não ter medo. Aquele rosto horrível refletido na água...

— Venha, Psykhé.

Deu alguns passos inseguros, sem saber ao certo para onde deveria ir. Percebeu então um enorme cristal solitário, vertical, meio incrustado na parede de basalto negro. A voz forte e surpreendentemente terna parecia brotar das entranhas transparentes do quartzo.

— Você será feliz aqui.

A curiosidade foi vencendo o medo. Depois de um breve silêncio conseguiu perguntar:

— Quem é você?

Dentro da pedra ergueu-se uma bruma densa e a voz se tornou mais próxima, mais suave.

— Contemple o cristal, Psykhé, e pense no que você deseja ver, no que deseja ter.

Psykhé ainda pensava nessas últimas palavras quando, quase num sussurro, a voz avisou:

— Volto à noite. Temos muito para conversar.

O cristal voltou à sua aparência natural e Psykhé, refletindo sobre o inesperado diálogo, pensou que talvez não precisasse temer o monstro. Afinal ele parecia amistoso e preocupado com seu bem-estar.

Aproveitou o resto da manhã para caminhar e, a cada passo, encontrava uma nova surpresa. Insetos coloridos, flores exóticas, pedras de delicada beleza...

Logos ia alto no céu quando voltou à caverna. Escolheu algumas frutas, colocou na mochila, e foi para a beira do córrego.

Embora pudesse parecer estranho, começava a sentir-se feliz ali. As frutas tinham a casca vermelha e fina. Eram deliciosas. Olhando a água, lhe ocorreu que desde menina desejava experimentar um banho de imersão em espaços abertos, como no tempo em que Gaia tinha lagos, rios e mares. Os livros que contavam a história de seu planeta mostravam fotos de casas com piscinas particulares, que ainda podiam ser encontradas, em ruínas, confirmando esse antigo esplendor. Há muito, no entanto, os lagos e rios em Gaia haviam desaparecido. O que sobrara do antigo oceano estava congelado nas imensas calotas polares e contaminado por lixo químico. Toda a água potável era bombeada do subsolo, a grandes profundidades.

Psykhé despiu o macacão usado como uniforme pela tripulação da frota espacial de Gaia e sentou-se à beira do córrego. Afundou os pés na água corrente, as pernas, e afinal

deslizou o corpo inteiro num mergulho completo, sem medo, no frescor do remanso. Se em seu planeta, como excedente, ela não podia frequentar piscinas públicas, agora tinha uma só para si.

Durante muito tempo experimentou as sensações recém-descobertas de mergulhar, de bater braços e pernas fazendo a água espumar ou, simplesmente, de flutuar sobre a superfície líquida.

Assim passou toda a tarde. Quando Logos se aproximou da linha do horizonte, Psyqué sentiu frio e resolveu sair da água. Puxou para trás os cabelos molhados, procurou na mochila uma túnica leve e vestiu-a devagar. O monstro... qual seria o nome dele? O monstro estava certo. Tinham muito para conversar.

8

Logos completou o seu caminho no céu, mas seus últimos raios ainda se refletiam nas nuvens, tingidas de suaves tons de rosa. A proximidade da noite fazia aumentar a curiosidade e a expectativa de Psykhé.

Com uma agradável sensação de conforto e paz, ela se acomodou no musgo macio que crescia à beira do córrego e acompanhou, em silêncio, o aparecimento das primeiras estrelas. Qual delas seria Helios?

Durante todo o dia havia cantarolado o tema de uma antiga canção. Pegou a flauta na mochila e tocou as primeiras notas. Havia centenas de anos que um compositor anônimo celebrara com aquela música o verdor dos campos e o seu amor pelo chão de Gaia.

Os sons fluíam levemente e a música transmitia uma doce serenidade. As sombras da noite diluíram os contornos e

um vento brando soprou da planície. Nesse momento, Psykhé sentiu que não estava só. A certeza de uma presença tornou-se poderosa e dominou seus sentidos. Com o coração aos pulos ela parou de tocar e murmurou:

— É você?

Depois de um breve silêncio a mesma voz grave, que já conhecia, respondeu:

— Sim.

Psykhé tentou controlar o tremor involuntário que sacudiu seu corpo e esperou por algum tempo que o monstro dissesse mais alguma coisa. Depois, não suportando o silêncio, começou a conversa com uma pergunta:

— Como é o seu nome?

Depois de nova espera inquietante, a resposta veio afinal:

— Eros. Você pode me chamar de Eros.

— O nome que demos ao seu planeta? Sabe o que significa em Gaia?

Ele poderia responder: "Sei tudo sobre Gaia", mas ficou em silêncio e Psykhé continuou:

— Quer dizer amor. O princípio criador do universo.

A voz de Eros se aproximou:

— A música que você tocou me fez feliz.

Aquela voz tão próxima, sussurrando na escuridão, fez crescer o medo. Sentiu o coração bater mais depressa quando respondeu:

— Ela faz com que eu me sinta assim também...

Percebendo a inquietação de Psykhé a voz tornou a se afastar.

— Você gostaria de conhecer o meu planeta?

O coração de Psykhé batia forte. A voz saiu baixa e trêmula:

— Sim. Eu... eu gostaria muito.

Eros pareceu se alegrar com a resposta:

— Perfeito!

E completou, despedindo-se:

— Volto depois.

Psykhé respirou fundo, aliviada por ficar só. Pensou que, com o tempo, talvez se acostumasse com a criatura e ficasse menos apavorada quando se encontrassem. Pensou no pai e procurou no céu alguma referência que pudesse ajudar a localizar Helios entre tantos astros. E foi assim, olhando as estrelas, que adormeceu.

9

Psyké sonhou que caminhava às margens de um lago escuro. Em certo momento viu um caranguejo levando uma grande pérola em uma das pinças. A pérola brilhava como Selene no céu de Gaia, em sua fase plena. O animal desapareceu nas águas lodosas, mas o brilho da joia continuava se projetando acima da superfície do lago.

De repente, Psyké sentiu-se observada. O lago lhe pareceu um grande olho, capaz de sondar o que havia de mais profundo em sua alma. Teve medo e tentou correr, fugir para longe dali, mas as águas se afastaram e um enorme dragão abriu suas asas, lançando-se sobre ela.

Em seguida, sem saber como, viu-se no dorso do animal, sobrevoando cordilheiras, rios, planícies, oceanos, de onde emergiam grandes arquipélagos.

Desceram em um lugar belíssimo, uma praia onde a areia brilhava como ouro sob a luz de Logos. Tomada por uma agradável sensação de liberdade, Psykhé correu pela areia úmida, saltando as ondas que alcançavam os seus pés, enquanto o dragão mergulhava nas águas transparentes.

Psykhé sentiu vontade de, como o dragão, poder mergulhar na limpidez daquelas águas cristalinas. Nesse instante, ele se aproximou:

— Você ainda tem medo de mim?

A resposta veio rápida, sem qualquer hesitação:

— Não.

De longe, chegou o som de um violão acompanhando um solo de oboé. O dragão e a praia desapareceram. Apenas a música era real. Violinos, violoncelos, toda uma orquestra se unia na execução do segundo movimento de um concerto que ela conhecia bem. Quase mil anos antes, um compositor cego escrevera aquele adágio apaixonado. Pura emoção.

Psykhé abriu os olhos e viu o céu estrelado. A caverna estava iluminada e a música vinha de lá. Levantou-se devagar, fascinada com a visão fantástica da luz refletida nos milhares de prismas cristalinos e das cintilações que pareciam acompanhar os sons dos instrumentos.

Apressou o passo em direção à entrada da caverna e encontrou as pedras do chão cobertas de flores. Quando chegou ao grande salão, sentiu que vivia um desses momentos frágeis, que precisam de cuidados para não se desfazerem no ar.

O dragão estava sentado, como uma esfinge, sobre o cristal que havia servido de cama a Psykhé na noite anterior. Suas grandes pupilas, estreitas e negras, fixaram-se nela, mas dessa vez a menina não teve medo. Sabia que por trás daquela forma monstruosa havia um amigo.

Psyké tentou falar, chamar o grande dragão pelo nome, mas a voz ficou presa na garganta. Os violinos executavam o tema principal do concerto e nunca aquela música a emocionara tanto.

Eros ergueu a asa e apontou o fundo da gruta cristalina. Em um grande nicho cúbico aberto na rocha estavam arrumados os móveis e objetos do quarto de Psykhé em Gaia: quadros, almofadas, livros, roupas, instrumentos musicais, partituras... praticamente tudo o que ela mais amava e que pensava jamais rever estava lá.

Sobre sua cama, dentro de uma grande concha cinzenta, brilhava a pérola com a qual havia sonhado. Teve vontade de chorar, mas agora de alegria. Voltou-se para o dragão:

— Eros!

Ele abriu as asas num gesto lento e deixou-as erguidas. A longa cauda enrolou-se num movimento suave. Psykhé perguntou, emocionada:

— Como conseguiu?

A voz de Eros, densa e terna, sobrepôs-se ao som dos instrumentos.

— Querida Psykhé... o universo é fluido, infinitamente mutável, eternamente novo.

Imóvel, de asas abertas, Eros parecia preparar-se para voar, mas começou a desmanchar-se no ar, como fumaça.

— Conhecer o segredo da mudança, saber que todas as coisas desejam tornar-se uma outra, diferente...

Suas últimas palavras, antes de desaparecer completamente, misturaram-se às notas finais do concerto.

— Eu posso fazer tudo... Tudo o que você quiser.

10

Nos dias que se seguiram, todos os desejos de Psykhé, mesmo os não manifestos, eram realizados como por encanto. Eros chegava sempre um pouco antes de anoitecer. À luz de velas, dispostas em belos castiçais, conversavam e ouviam música. Pouco depois da meia noite ele abria suas grandes asas e desaparecia nas sombras.

Naquele fim de tarde, a pedido de Psykhé, voaram até a ilha para onde Eros a levara em um sonho. Depois de algum tempo brincando nas ondas, resolveram descansar na areia.

Em silêncio, contemplaram a descida de Logos, até que o astro se escondeu abaixo da linha que separava céu e mar. Tanta água... Psykhé se lembrava da secura do solo em Gaia quando Eros interrompeu seus pensamentos:

— Há tantos planetas no universo... Por que seu povo escolheu o meu?

— A gravidade deste mundo é semelhante à de Gaia. O clima é excelente, os recursos naturais estão intactos e o planeta parecia desabitado.

Psykhé fixou o olhar em um grupo de nuvens esvoaçantes e perguntou:

— Quando leu as mentes dos tripulantes e os programas dos computadores da frota, você não obteve todas as informações que queria sobre Gaia?

— Sim, mas não é através dessas memórias que eu quero conhecer Gaia. É a sua opinião, sua maneira de ver e sentir que me interessam.

— Você pode ler a minha mente, não é?

Eros não respondeu. Em vez disso esticou o corpo e ergueu bem alto as asas, como se estivesse a se espreguiçar. Depois, voltou ao assunto, mas sem responder à pergunta de Psykhé.

— Durante séculos, os de sua raça guerrearam entre si. Povos mais fracos foram saqueados, escravizados e destruídos. Por que ainda não invadiram outro planeta?

Psykhé ficou um tempo em silêncio, olhando as ondas que quebravam na areia. Quando afinal respondeu, parecia triste:

— Gostaria de poder dizer que o povo de Gaia aprendeu a respeitar outras raças e culturas, mas não é assim. Teriam invadido este planeta, se soubessem como destruir você.

Não falaram mais. Quando as primeiras estrelas apareceram no céu, voltaram para a gruta. Percebendo que a conversa havia entristecido Psykhé, Eros tentou alegrá-la

contando histórias extraordinárias sobre suas viagens aos confins do universo. Naquela noite, pela primeira vez, fez a pergunta:

— Você me ama?

Para Psykhé o amor era um sentimento amplo. Amava o pai, a música, a vida, a natureza...

— Sim, Eros, eu amo você.

— Então se casaria comigo?

Diante da pergunta inesperada, Psykhé recuou. A expressão de seu rosto traía o horror que aquela ideia lhe inspirava.

— Não! Isso é impossível.

Eros não retrucou. Deixou a cabeça cair sobre o peito e desapareceu em silêncio. Depois disso, a cada encontro voltava ao assunto. Psykhé procurava ser gentil, mas recusava sempre o seu pedido. Sentia-se, no entanto, perturbada por saber o quanto suas recusas magoavam e afligiam o amigo.

Numa noite especialmente agradável, saíram para ver as estrelas depois de ouvirem músicas alegres. Eros falava de nebulosas galácticas, buracos negros e aglomerados estelares. Psykhé ouvia fascinada.

— E além deste universo?

— Além deste universo há outros universos, que não são de nosso espaço nem de nosso tempo.

— Queria poder, eu mesma, desvendar o espaço cósmico, ver de perto o brilho das nebulosas, o pulsar de um quasar distante...

— Se você aceitasse se casar comigo...

Ela o interrompeu:

— Não me peça mais, por favor. Gosto de você e por isso é tão difícil dizer não. Sofro por saber que o estou magoando.

Eros ficou muito tempo em silêncio. Quando voltou a falar, parecia conformado, mas sua voz estava triste.

— Está bem, não vou mais aborrecer você com os meus pedidos.

Um meteoro riscou o céu estrelado. Psykhé lembrou-se de como se divertia, quando menina, fazendo pedidos a estrelas cadentes. Contou a Eros a brincadeira de criança e perguntou:

— O que você pediria a uma estrela?

— Para ter você sempre comigo.

Outra estrela cadente traçou um risco luminoso no céu. A voz de Eros, muito baixa, parecia suplicar:

— Prometa que jamais me abandonará.

Ela acariciou o dorso de escamas e se aconchegou sob as grandes asas.

— Nunca vou abandonar você, Eros. Eu prometo.

Além dos encontros nos fins de tarde, muitas vezes ele voltava à noite, como da primeira vez, nos sonhos de Psykhé. Juntos desafiavam os mistérios dos abismos e mergulhavam no oceano, misturando-se às águas. Ou então desfaziam-se nas nuvens, pairando ao sabor dos ventos, para depois caírem sobre o solo em forma de chuva.

Conduzida por Eros, Psykhé atravessava os portais dos sonhos para viver o inimaginável e descobrir realidades que desafiavam os limites dos sentidos humanos.

11

Certa manhã em que o brilho de Logos parecia especialmente radiante e as cores da natureza mais belas e vivas que nunca, Psykhé sentiu-se só. Ansiava pela presença de Eros, lamentando que a noite ainda estivesse tão distante. Banhar-se nas águas do córrego, saltar sobre as grandes pedras que cercavam a gruta, tocar ou ouvir música... Já não sentia prazer em fazer coisa alguma sem a companhia do dragão.

Ao caminhar pela caverna, tentando encontrar algo que a interessasse, parou diante do estranho cristal incrustado na parede de basalto negro e viu sua imagem refletida na pedra como em um espelho. Parecia ainda ouvir as palavras de Eros:

"Contemple o cristal e tudo o que você deseja poderá acontecer."

Lembrou-se do primeiro encontro com Eros, sua chegada ao planeta, seus medos... Pensou no pai. Como estaria ele? Culpou-se por tê-lo quase esquecido diante do fascínio daquele mundo novo. De olhos fixos no cristal, desejou ter notícias de casa.

Na transparência do tubo cristalino formaram-se imagens tridimensionais, semelhantes às das transmissões holográficas de Gaia. Psykhé viu Tehon deitado em seu quarto. Parecia mais magro, tinha a barba por fazer e os olhos marcados por olheiras profundas. Assustou-se com a aparência do pai e chorou ao vê-lo tão envelhecido.

Tehon estava só e parecia muito doente. Angustiada, perguntava a si mesma onde estariam as irmãs. Por que não se revezavam junto à sua cabeceira? À noite, quando Eros chegou, encontrou Psykhé aflita.

— Você disse que poderia fazer tudo o que eu desejasse. Por favor, Eros, tenho que voltar a Gaia. Meu pai precisa de mim!

O enorme corpo do dragão pareceu encolher.

— Eu também preciso de você.

— Ele vai morrer sem mim!

— Eu também vou morrer sem você...

A voz e o olhar de Eros tinham perdido força e brilho. Pediu a Psykhé para se sentar a seu lado.

— Não posso reter você aqui contra sua vontade. Sabe o quanto a amo, não é?

Psykhé não respondeu. Em vez disso o abraçou ternamente.

— Volto assim que meu pai melhorar.

Eros envolveu Psykhé com suas grandes asas. Sofria.

— A primeira coisa que amei em você foi a sua música. Depois, quando soube a história de sua vida em Gaia... Lá, tudo o que você tem de melhor, de mais bonito, morreria como semente que cai em rocha nua.

— Eros...

Silenciou. Sabia que nada do que dissesse o consolaria. O dragão fez um gesto largo no ar. Na ponta da asa surgiu o brilho de um grande diamante.

— Tome esse anel — disse Eros. — Quero que o coloque no dedo e não o retire enquanto estiver em Gaia.

Psykhé pegou a joia. Era esplêndida. Fios de ouro, finamente trabalhados, entrelaçavam-se em filigranas delicadas, formando um engaste perfeito para uma pedra incrivelmente bela, pura e brilhante. Colocou o anel no dedo anular da mão esquerda.

— É lindo!

— Prometa que não vai tirá-lo do dedo...

— Não vou tirá-lo!

— ...e que voltará dentro de sete dias.

— Voltarei, Eros. Eu prometo.

Fez-se um silêncio denso, aflito, entre os dois.

— Vai me levar?

— Não. Você deve ir só.

Naquele momento ocorreu a Psykhé que Eros jamais havia falado sobre o veículo que utilizava em suas viagens interestelares. Como atravessaria a dimensão Delta? Impossível fazer qualquer viagem mais longa no espaço cósmico sem utilizar as passagens interdimensionais. Como sempre acontecia, a resposta de Eros antecedeu a sua pergunta.

— O cristal atua como uma porta para outras dimensões. Quanto ao anel, querida Psykhé, é uma espécie de conector ligado a este espaço-tempo. Ele é o seu caminho de volta para mim.

Psykhé observou o anel. Um brilho vivo e intenso parecia vir de dentro da pedra. Eros continuou:

— Diante do cristal, pense em seu pai, em Gaia. Quando a passagem se abrir, atravesse.

Eros desapareceu no ar, rapidamente, sem atender ao chamado de Psykhé para que se despedissem. A verdade é que não suportaria vê-la partir.

PARTE TRÊS

O RETORNO

12

Ao ficar só, Psykhé caminhou até o cristal. Tentou pensar no pai, mas o que se impunha à sua mente era a tristeza por saber que magoara Eros. Procurou se concentrar. Em meio à bruma densa que começava a se formar no interior da massa cristalina, viu surgir a imagem de Tehon. Era como se o pai estivesse do outro lado de uma vidraça embaçada.

Aos poucos, porém, a imagem foi ganhando nitidez, até que o cristal desapareceu, deixando em seu lugar uma espécie de porta aberta na parede de basalto negro. Psykhé avançou alguns passos e viu-se no quarto do pai. Entre risos e lágrimas, correu até ele e o abraçou.

Tehon olhava sua menina como se estivesse saindo de um pesadelo. Enfraquecido, num fio de voz, repetia sem cessar o nome da filha, entregando-se à emoção do reencontro. Os dois tinham muitas perguntas a fazer um ao outro. Psykhé queria

saber o que havia deixado o pai tão abatido e pediu detalhes sobre o tratamento que estava recebendo.

— Por que Oréada não está ao seu lado?

— Ela tem ficado comigo na parte da manhã. À tarde, você sabe, o colégio...

— E Creneia?

— Sua irmã mais velha não tem tempo. Trabalha o dia todo.

— Mas pai, você parece ter alguma doença grave...

— Vamos conversar depois sobre minha doença e suas irmãs. Quase não consigo acreditar que você... Como chegou aqui?

Psykhé contou ao pai as coisas fantásticas que haviam lhe acontecido desde o momento em que acordara na caverna dos cristais. Falou da beleza dos lugares que conhecera, da gentileza de Eros e do grande cristal que se abria para outras dimensões no espaço-tempo.

Ouvindo a filha, Tehon se alegrava. Como era bom voltar a escutar sua voz, sorrir com seu sorriso, sentir o toque macio de seus dedos... Tomou a mão de Psykhé entre as suas e, nesse momento, descobriu o anel. Examinou a joia atentamente. A pedra era, sem dúvida, um diamante de valor incalculável.

— É uma espécie de conector — explicou Psykhé, adiantando-se à pergunta do pai. — Um conector interdimensional. Eu não queria falar com você sobre isso agora, mas... não vim a Gaia para ficar. Dentro de sete dias voltarei a Eros.

— Voltar para Eros? Como?

— O anel me levará de volta.

O rosto de Tehon se contraiu.

— Tire esse anel!

— Não posso, pai. Prometi a Eros que não o tiraria do dedo.

Tehon sentiu a cabeça rodar. Fez a pergunta que nas últimas semanas havia, incessantemente, feito a si mesmo.

— O que essa criatura alienígena quer de você? Por que a escolheu?

Viu a filha desviar os olhos e vacilar, antes da resposta vaga.

— Não sei...

Não precisou esperar que Psykhé erguesse de novo os olhos para compreender que ela evitava falar sobre o assunto. Examinou o rosto da filha, procurando algum indício, algum sinal... Havia uma inquietação leve brilhando em seus olhos. Fora isso, ela estava mais linda que nunca e parecia feliz.

— Tem alguma coisa especial para me dizer? — perguntou Tehon.

Ela o abraçou com ternura.

— Tenho sim. Amo você e quero que fique logo curado.

Tehon afagou os cabelos de sua menina. Qualquer que fosse o segredo que ela guardava, certamente não a fazia sofrer.

As irmãs chegaram no final da tarde e custaram a se recuperar da surpresa por reverem Psykhé. Embora não

tocassem no assunto com o pai, para evitar o agravamento de seu estado de saúde, julgavam a irmã morta ou perdida para sempre naquele planeta distante.

Foi uma noite de muita alegria para todos. Psykhé contou o que lhe acontecera após sua chegada a Eros e as irmãs pediram que falasse mais sobre a caverna e o dragão. Depois ela descreveu as praias e a leveza da água salgada dos oceanos. Contou dos rios de águas frias e transparentes, do frescor da chuva e do orvalho da manhã. Quando as irmãs viram o anel, quiseram experimentar a joia, mas Psykhé recolheu a mão e explicou:

— Não posso tirar o anel do dedo. Foi uma promessa...

A atitude de Psykhé desagradou às irmãs. Creneia mudou bruscamente de atitude e declarou não achar justo que o povo de Gaia não pudesse usufruir os recursos de Eros:

— O planeta é imenso. E afinal, que direito tem esse monstro de se achar o único dono de um planeta inteiro? Eu espero que logo descubram um jeito de acabar com ele.

Psykhé estremeceu com o comentário de Creneia, mas reprimiu o impulso de defender Eros. As discussões com a irmã mais velha costumavam ser sempre difíceis e especialmente dolorosas para o pai. Encerrou a conversa, dizendo que estava cansada, beijou Tehon, desejando-lhe boa noite, e retirou-se para seu quarto.

Quando os seus móveis, seus instrumentos musicais e demais objetos apareceram na caverna, ela imaginou que haviam

sido transportados até lá, mas agora via que se enganara. Eros criara réplicas perfeitas. Tirou o violino do estojo. A pequena mancha escura na parte de trás do braço, o leve arranhão no verniz... Os dois instrumentos eram absolutamente iguais.

Psykhé sentiu-se desconfortável e confusa diante da pergunta que havia algum tempo inquietava sua mente. Qual seria a real extensão do poder de Eros?

13

O sono custou a chegar. Foi uma noite agitada, cheia de sonhos estranhos. Contrariando seus hábitos, Psykhé acordou tarde. Ao levantar-se, Creneia já havia saído para o trabalho e Oréada conversava com uma amiga pelo transmissor holográfico.

Quando Psykhé passou diante do quarto do pai viu pela porta entreaberta que ele parecia dormir e pensou ir até a cozinha preparar uma refeição. Planejava servir o desjejum de Tehon na cama, pois sabia o quanto ele gostava dessas pequenas delicadezas. Pouco depois, surpreendeu-se ao vê-lo de pé. As cores haviam voltado ao seu rosto. Psykhé fingiu zangar-se:

— Pode voltar para a cama, comandante! As ordens do médico são de descanso absoluto.

Depois de uma breve e alegre discussão, Tehon conseguiu convencer a filha de que estaria bem melhor na sala, em sua velha e querida poltrona reclinável. Foi uma manhã agradável e sem incidentes.

Um pouco depois do almoço Creneia voltou para casa. Vinha acompanhada de dois cientistas do centro de estudos espaciais. Um deles era Typhon, membro do Conselho Central. Uma das pessoas mais importantes e influentes de Gaia. O outro era Akésius, o jovem físico amigo de Tehon. Creneia fez as apresentações:

— Esta é minha irmã Psykhé.

O conselheiro Typhon limitou-se a examinar Psykhé com um olhar frio e autoritário. Akésius, porém, estendeu a mão com um sorriso:

— Como vai, Psykhé? Eu estava na primeira expedição a Eros. O comandante Tehon melhorou?

A atitude amistosa de Akésius surpreendeu Psykhé. Normalmente, em Gaia, as pessoas a ignoravam e procuravam evitá-la, pois não era bem-visto qualquer tipo de contato com excedentes:

— Está melhorando, mas precisa descansar. Quer falar com ele?

— Não, Psykhé. Queremos conversar com você. Creneia relatou ao Conselho a conversa que tiveram sobre sua estadia em Eros. Pode imaginar a importância que tem para nós a sua experiência?

Psykhé olhou a irmã, tentando imaginar o que teria levado Creneia a contar a sua história ao Conselho. Akésius continuou:

— Há uma equipe estudando o que aconteceu naquele planeta. Temos muitas teorias, mas nada de concreto. Precisamos de mais informações.

Akésius tratava-a com simpatia e cordialidade. Parecia uma pessoa confiável. Bem diferente do arrogante conselheiro Typhon.

— Você estaria disposta a se submeter a exames e relatar, com detalhes, tudo o que lhe aconteceu em Eros?

Psykhé tentou recusar aquele convite inesperado. Sabia que, na verdade, não se tratava de um convite, mas de uma intimação.

— Eu vim até Gaia para cuidar de meu pai...

Akésius sorriu com simpatia:

— Não seria por muito tempo. Duas ou três manhãs, talvez.

Apesar de sentir que não deveria aceitar, Psykhé acabou concordando em encontrar o primeiro grupo de pesquisadores na manhã seguinte. Atraído pelas vozes, Tehon entrou na sala e cumprimentou efusivamente os visitantes.

— Então? Algum progresso nas pesquisas?

— Pouca coisa, mas acreditamos que Psykhé poderá nos trazer novos elementos. Esse anel, por exemplo, segundo o

que Creneia nos contou, pode ser a chave para decifrarmos a natureza do monstro de Eros.

Psykhé olhou aflita para o pai. Instintivamente, juntou as mãos cobrindo o anel, como se assim o pudesse proteger.

— Há certas coisas que você deve saber, minha filha — disse Tehon em voz grave e pausada. — A vida em Gaia chegou ao seu limite. A água do subsolo precisa ser buscada a profundidades cada vez maiores e já não é suficiente. Quando a expedição a Eros fracassou, imediatamente enviamos novos grupos de pesquisadores a planetas que poderiam oferecer alternativas de vida para o nosso povo. Encontramos dificuldades de todos os tipos, desde microorganismos nocivos, transmissores de doenças que não podíamos combater, a criaturas monstruosas, hostis, que atacavam e destruíam nossas instalações.

Psykhé, angustiada, ainda tentou argumentar:

— Por que não pedimos auxílio à Federação Cósmica? Muitas civilizações, algumas com tecnologias superiores às nossas, passaram por problemas semelhantes e conseguiram superar suas dificuldades.

— Nossas relações com a Federação não são muito boas. Houve um incidente alguns anos atrás. Um ataque a naves que cruzaram o campo magnético de Gaia sem se identificar.

— Poderíamos procurá-los para nos desculpar. Isso foi há tanto tempo... Os planetas que fazem parte da Federação Cósmica são pacíficos e por isso não aceitaram as atitudes agressivas do povo de Gaia. O primeiro passo para conseguirmos ajuda da Federação seria demonstrar que não repetiríamos em

outro mundo os mesmos erros que trouxeram tanta destruição ao nosso planeta.

Enquanto Psykhé defendia a aproximação entre Gaia e a Federação Cósmica, os músculos do rosto de Typhon se contraíram, formando pequenas rugas. O conselheiro encerrou o assunto rispidamente.

— Somos um povo soberano. Temos orgulho de tudo o que conquistamos ao longo de nossa história. Não aceitaríamos a tutela ou qualquer tipo de ordem da Federação Cósmica.

Com voz autoritária e impaciente Typhon exigiu:

— Entregue o anel. Não temos muito tempo pela frente.

Psykhé buscou ajuda nos olhos do pai, mas encontrou um olhar angustiado, dividido entre o que sabia ser uma necessidade vital para o seu povo e o direito da filha, como dona do anel, de dar a ele o destino que julgasse melhor.

Diante da relutância de Psykhé e da indecisão de Tehon em apoiá-lo, Typhon foi conclusivo:

— Pode não ser muito agradável lembrar isso agora, mas se os outros representantes do Conselho souberem que a família de uma excedente se recusa a colaborar com a comunidade...

Psykhé compreendeu a ameaça velada, estendida também ao seu pai. Retirou o anel do dedo e o entregou a Typhon.

14

Nos dias que se seguiram, todas as manhãs Psykhé era levada aos laboratórios do Centro de Pesquisas Espaciais para exames que pareciam não ter fim. O pai, que às vezes a acompanhava, recuperava-se rapidamente, animado pela esperança de ver sua filha aceita como cidadã de Gaia.

Naquela manhã Psykhé havia sido dispensada. Os cientistas envolvidos nas pesquisas teriam uma reunião. A pressão do Conselho Central era constante e, apesar de seus esforços, pouco haviam avançado na solução do mistério que envolvia aquele inacreditável caso de teletransporte interdimensional

Dez dias tinham se passado desde a chegada de Psykhé. Durante o desjejum, observando a filha, Tehon percebeu que suas mãos tremiam. Pouco antes ela havia, sem querer,

quebrado uma xícara e a palidez do rosto sem sorrisos tornava ainda mais evidente o sofrimento que sufocava sua alma.

— Minha querida... não acha que este seu amigo merece compartilhar suas preocupações?

Psykhé ergueu os olhos para o pai, mas manteve-se em silêncio.

— Pensa que não percebo como, a cada dia, o seu sofrimento aumenta mais? Sei que seu coração guarda um segredo... É ele que faz você sofrer tanto assim?

A voz de Psykhé estava trêmula e infeliz:

— Sabe que dia é hoje, pai? Já se passaram três dias do prazo que Eros me deu para voltar.

— Não foi isso que perguntei, querida...

— Sonho com Eros, sinto sua falta... Essa noite tive um pesadelo horrível e acordei com sua voz me chamando. Eu preciso voltar meu pai.

— Psykhé...

— Você perguntou se eu tinha um segredo, não é? Tenho sim. Um segredo que escondi até de mim mesma. Eu amo Eros.

15

No Centro de Pesquisas Espaciais de Gaia os cientistas encarregados de solucionar o enigma do estranho planeta discutiam sobre o resultado de suas pesquisas. Os minuciosos exames, pelos quais passara Psykhé, nada haviam acrescentado para a solução do mistério. O mesmo acontecia com o anel, cujo enigma continuava desafiando os pesquisadores.

As opiniões divergiam e os cientistas acabaram divididos entre os que procuravam as respostas dentro das leis físicas conhecidas e os que tentavam ir além delas. Akésius, liderando o segundo grupo, defendia uma estranha teoria:

— Há alguns séculos, um cientista formulou uma hipótese original sobre Gaia e os demais planetas orgânicos. Considerava esses astros como gigantescos seres vivos. Organismos complexos que regulavam sua própria geologia, clima e equilíbrio atmosférico.

— Um delírio...

— Talvez não. Tudo no Universo é feito de matéria e energia. A energia atua sobre a matéria, transformando-a continuamente. Cada uma dessas transformações afeta o todo que, por sua vez, também está em constante transformação. Algumas teorias afirmam que tudo o que existe está conectado com a totalidade do cosmo, numa complexa e delicada teia de relações mútuas. Nesse caso, o abismo entre a vida e a não-vida seria muito menor do que pensamos.

— Onde você quer chegar?

— Essa criatura pode ser uma superinteligência. A consciência viva de seu planeta. Um ser excepcionalmente poderoso, atuando em níveis desconhecidos para a nossa realidade.

Um dos cientistas, que apoiava as ideias de Akésius, concordou:

— Faz sentido. Isso poderia explicar, tanto a atitude da criatura ao destruir nossos laboratórios e tomar de volta as amostras, como a sua capacidade de assumir diferentes formas.

Typhon, que até então acompanhara a conversa em silêncio, fez uma correção:

— Pelo que sabemos, a criatura não assumiu nenhuma forma física além desse dragão alado descrito por Psykhé. As formas monstruosas que assustaram a tripulação foram alucinações, provavelmente criadas por ele a partir dos terrores pessoais de cada um de nossos homens.

Alguém observou, em tom levemente irônico:

— Ainda assim, uma alucinação bem perigosa, conselheiro. Reteve uma frota inteira presa num campo de força e inutilizou os laboratórios das naves.

Ignorando o comentário, Typhon continuou:

— Essa é uma questão de importância máxima para a sobrevivência de nosso povo. Temos que manter as pesquisas dentro dos limites científicos, evitando divagações e teorias insanas.

Às palavras do conselheiro seguiu-se um murmúrio agitado. Akésius se ergueu:

— Há um momento, conselheiro, em que precisamos rever conceitos e teorias consagradas. Nesse caso, as melhores ideias podem ser, justamente, aquelas que à primeira vista nos parecem... "insanas".

Typhon examinou Akésius com o olhar. Era um jovem inteligente, talentoso, dono de grande carisma junto à comunidade científica. Resolveu que talvez não fosse uma boa ideia enfrentá-lo naquele momento.

— Bem... disso tudo, o mais importante é descobrirmos se essa criatura tem algum outro ponto vulnerável, além da garota, por onde possamos atacá-lo.

Nesse momento, uma voz no intercomunicador anunciou a chegada de Psykhé. O olhar frio de Typhon percorreu os rostos dos cientistas presentes:

— Senhores, nosso trunfo contra o monstro de Eros acaba de chegar.

16

Psykhé sempre se sentia intimidada diante dos homens que a examinavam. Typhon era o que mais a assustava e foi justamente ele quem lhe dirigiu a palavra:

— Não me lembro de termos marcado um encontro hoje.

— Não marcamos nada, conselheiro.

— Então, espero que tenha uma boa justificativa por interromper nossa reunião.

Psykhé se retraiu. Não era fácil enfrentar os modos autoritários de Typhon. Akésius veio em seu auxílio:

— Acho que a chegada de Psykhé foi bem oportuna. Temos alguns testes para fazer com o anel.

Psykhé ergueu os olhos:

— É sobre isso que quero falar. Preciso do anel.

— Pretende voltar a Eros? — perguntou o conselheiro com seu costumeiro tom sarcástico.

— Meu prazo para voltar terminou há três dias.

— Nas entrevistas você tem afirmado não saber como o anel funciona.

— E realmente não sei, mas Eros pediu que eu não o retirasse do dedo.

Typhon levou alguns segundos avaliando a situação.

— O anel continuará aqui, para estudos. Quanto à sua volta a Eros, poderá acontecer muito em breve, dependendo dos resultados de nossas pesquisas.

Os olhos de Psykhé se encheram de lágrimas. Quando o conselheiro deu por encerrada a reunião, todos se ergueram e saíram da sala, ignorando Psykhé ao passar por ela. Apenas Akésius se aproximou:

— Não chore. Typhon gosta de parecer pior do que realmente é. Vamos à minha sala. Depois levo você à sua casa.

— Não disse que faríamos testes com o anel?

— Vamos deixar para outro dia. Você parece tensa, ansiosa... E essas lágrimas? Typhon não vai incomodá-la mais.

— Quero o anel, Akésius. Preciso voltar para Eros.

O rapaz evitou o olhar angustiado de Psykhé e procurou mudar de assunto:

— Tenho pensado no que você falou sobre Gaia e a Federação Cósmica. Há um grupo de jovens pesquisadores que também acredita na necessidade de aproximação e de relações pacíficas com outras civilizações. Infelizmente não somos nós que decidimos o que fazer.

— Akésius, sobre o anel...

— Também não sou eu quem decide sobre isso, Psykhé. Se eu pudesse, acredite, devolveria o seu anel. Mas, por que tanta pressa e ansiedade?

— Não sei como explicar... Sinto que Eros está sofrendo, precisando de mim.

As lágrimas voltaram a correr pelo rosto angustiado da menina:

— Essa noite, em um sonho, vi o planeta coberto de gelo. Eros estava morrendo.

Akésius tentou confortá-la:

— Não se impressione com sonhos... Podemos conseguir notícias recentes de Eros. Entre os satélites que circundam o planeta, há os que nos enviam dados através da dimensão Delta. Todos os dias recebemos novas informações. Quer ir comigo até o laboratório?

Psykhé enxugou as lágrimas do rosto.

— Sim, mas... será que antes eu posso falar com o meu pai?

— O comandante está aqui, no Centro de Pesquisas?

— Sim. Está me esperando na sala de exposições.

— E como vai a saúde do comandante?

— Ele está bem. Melhorou muito depois que eu voltei.

Akésius parou por alguns segundos, decidindo sobre o melhor caminho no intrincado dos corredores. Psykhé o observava com cuidado. Não sabia até que ponto podia confiar nele, mas o certo é que estava decidida a não sair dali sem o seu anel.

17

Na sala de exposições do Centro de Pesquisas Espaciais de Gaia, Tehon observava a projeção tridimensional da grande nebulosa Sigma. Um fantástico aglomerado de gás e poeira cósmica com um diâmetro de quase cem anos-luz.

"Os mistérios do universo... tantos quanto os mistérios do coração..."

Tehon relembrava a estranha revelação da filha e a conversa que se seguira entre os dois:

"Amo Eros."

"Psykhé! Isso é loucura!"

"Eros também me ama, pai."

"Seu lugar é em Gaia! Junto de pessoas como você!"

"Não, pai. Meu lugar é onde eu me sinta feliz. Veja o que está acontecendo! Com exceção de Akésius, todos aqueles

cientistas me tratam como se eu fosse uma cobaia. Minha vida em Gaia não faz sentido, e eu preciso viver em um mundo que faça sentido para mim. Em Eros sou livre!"

"O preço da liberdade, minha querida, não deve ser a solidão."

"Não me sinto só em Eros. E em Gaia, pai, serei o que sempre fui: uma excedente, exilada em meu próprio mundo."

Apesar de suas angústias e incertezas, Tehon sabia que Psykhé tinha razão. Como a felicidade da filha era o que havia de mais importante para o velho comandante, decidiu ajudá-la a recuperar o anel.

A voz alegre de Akésius despertou Tehon de suas lembranças e reflexões:

— Veio matar a saudade das paisagens cósmicas, comandante?

Os dois homens conversaram animadamente enquanto caminhavam em direção às salas do Centro de Comunicação Interdimensional. Quando chegaram, perceberam uma agitação incomum entre os cientistas encarregados de examinar os dados coletados pelas sondas enviadas a Eros. Akésius se adiantou:

— O que está acontecendo?

— Você não vai acreditar. Um grande asteróide foi capturado pelo campo gravitacional de Eros. A órbita do planeta perdeu a estabilidade. O clima, a rotação, o campo magnético... toda a superfície passa por grandes transformações.

Akésius se voltou para Psykhé. As cores do rosto da filha do comandante Tehon haviam desaparecido. Alguém comentou:

— Houve uma inversão polar. Imensas áreas tropicais estão congelando.

Foi tudo muito rápido. Com um grito, Psykhé correu até a porta e lançou-se pelos corredores. Akésius e Tehon tentaram segui-la, mas logo a perderam de vista.

Grande número de salas, laboratórios e corredores entrecruzavam-se, formando um verdadeiro labirinto, o que tornava praticamente impossível a busca. Pouco depois foram surpreendidos pelo ruído agudo de muitas sirenes. Akésius sobressaltou-se:

— A área de segurança máxima! O anel está guardado lá!

Chegaram ao local juntamente com Typhon. Um segurança assustado correu até eles.

— Os instrumentos enlouqueceram! Uma bola de fogo atravessou o laboratório e todos os vidros estão se espatifando!

Uma luz espectral vazava pela fresta da porta entreaberta. Typhon perguntou ao segurança se havia alguém lá dentro.

— Só uma moça que chegou quando os vidros começaram a se despedaçar.

Seguido por Akésius e Typhon, o comandante Tehon correu até o laboratório. Logo à entrada se depararam com uma cena inacreditável.

Finas cortinas de névoa fluida e fosforescente moviam-se por toda a sala. Seu colorido e luminosidade davam ao lugar uma aparência fantástica, semelhante aos efeitos visuais das áreas que antecediam os portais interdimensionais.

Ouviram um estrondo surdo. No outro extremo da sala surgiu um ponto brilhante. Akésius apertou o braço de Tehon.

— O anel!

O grande diamante brilhava como um pequeno sol. Ofuscado pela luz, um vulto se aproximou da joia. Tehon reconheceu a filha e gritou por ela. Tentou se aproximar, mas uma força invisível o fez recuar.

Quando Psykhé colocou o anel, o brilho da pedra aumentou. Expandiu-se, tomando a forma de uma esfera de luz intensa, que a envolveu por inteiro. Em seus olhos, seus cabelos, em todo o seu corpo, milhares de pontos de luz cintilavam como estrelas distantes. Um espetáculo belo e assustador.

Akésius observava, fascinado. Tentava interpretar o fenômeno. O corpo de Psykhé parecia interagir com alguma fonte de energia cósmica. Typhon, aflito, esfregava as mãos.

— Temos que fazer alguma coisa! Vamos perdê-la!

Tehon sorriu. Que Psykhé não levasse dele uma lembrança triste, mas uma imagem de carinho e aprovação. Pensou, emocionado:

"Vá, minha filha, e seja feliz."

A esfera luminosa ergueu-se do chão. Psykhé flutuava. Antes que a grande bolha de luz desaparecesse no ar, Tehon ouviu a voz calma e terna da filha.

— Amo você, pai.

PARTE QUATRO

A ETERNIDADE

18

Ao colocar o anel, Psykhé viu a luz que brotava da pedra crescer e clarear toda a sala. Também viu os rostos assustados de Akésius e Typhon, banhados pela estranha luminosidade. À frente deles estava Tehon, que lhe trazia, como último presente, um sorriso confiante e cheio de amor.

A intensidade da luz aumentou, ofuscando tudo o mais com seu brilho. Psykhé fechou os olhos e sentiu-se flutuar, imersa em um oceano de fótons. Pouco depois seus pés tocavam uma superfície firme e um frio intenso espalhou-se por todo o seu corpo.

De início não conseguiu enxergar onde estava. Sua retina, ofuscada pela luz, demorava a se ajustar à obscuridade. Estendeu os braços e encontrou uma forma prismática, lisa e fria. Estava de volta à gruta de cristal.

A visão voltou aos poucos. Chamou por Eros mas não teve resposta. Havia gelo acumulado por toda parte e a entrada da caverna estava quase obstruída pela neve. Lá fora, as montanhas, o vale com seus rios tortuosos, o pequeno córrego, toda a variedade da paisagem desaparecera sob o mesmo manto gelado, branco e uniforme. Como encontraria Eros naquele deserto de gelo?

Psykhé acariciou o anel. Em Gaia, com toda certeza, havia sido guiada por ele. De que outra forma teria conseguido orientar-se no labirinto de corredores do Centro de Pesquisas e chegar até a sala onde o haviam guardado? Lembrou-se das últimas palavras de Eros sobre o anel: "Ele é o seu caminho de volta para mim".

A cada minuto o frio aumentava mais. Olhou para o alto. O céu parecia um mar cinza-perolado, liso e brilhante. Onde estaria Eros? Como resposta, o anel pareceu acender-se, mas isso passou despercebido a Psykhé. Toda sua atenção estava voltada para o lugar onde costumavam se sentar para olhar as estrelas. Alguma coisa escura se destacava no branco quase uniforme da paisagem.

Psykhé aproximou-se, caminhando com dificuldade. O frio endurecia suas articulações. Meio encoberto pela neve, Eros parecia esculpido em um bloco de pedra, inerte e sem vida. Psykhé se deixou cair de joelhos, sentindo-se miseravelmente culpada.

— Por favor... não me deixe. Eu não suportaria.

Com a voz entrecortada pela emoção, Psykhé o abraçou, chorando, tentando agasalhá-lo com o calor de seu corpo:

— Quantas vezes olhamos o céu, juntos, neste mesmo lugar... Lembra da luz, do brilho das estrelas? Eu amo você, Eros. Queria ouvir sua voz, mais uma vez, dizendo que me ama.

Um sussurro do vento foi sua única resposta.

19

Psykhé escondeu o rosto entre as mãos, soluçando, sentindo que suas forças chegavam ao limite final. Não saberia dizer quanto tempo ficara ali, até o momento em que, entre os murmúrios vagos do vento, ouviu chamarem o seu nome.

Abriu os olhos e descobriu, com grande espanto, que o gelo e a neve haviam desaparecido. Estava sozinha, deitada sobre o musgo macio da entrada da gruta de cristal. A água do córrego tagarelava entre as pedras e uma profusão de flores, em muitas cores e tons, salpicavam o verde tenro que forrava o chão.

Logos chegava ao final de seu trajeto diário. Ia bem baixo no céu, acompanhado por um grande cortejo de pequenas nuvens rosadas. Um som alegre se ergueu inundando o espaço. Violinos e violoncelos iniciavam o movimento alegre e ágil de um concerto que descrevia o frescor da primavera, o renascer da natureza após o inverno em Gaia. Uma das poucas lembranças

que restara do tempo em que, no seu planeta natal, os anos ainda apresentavam, bem distintas, suas quatro estações.

Psykhé correu até a gruta com o coração aos pulos. Todos os seus desejos resumiam-se em reencontrar Eros. Tinha certeza de que ele a esperava lá. Parou por um instante no limiar do portal de pedra, tentando controlar a emoção que sentia e, finalmente, entrou.

Esvoaçantes como pássaros, os sons dos violinos ressoavam na transparência sólida dos cristais. No centro da caverna, sobre a grande pedra hexagonal onde Eros costumava ficar, estava o mais belo ser que jamais poderia imaginar existir. Sentindo-se confusa, Psykhé perguntou num fio de voz:

— Quem é você?

Com passos seguros e um sorriso terno o rapaz se aproximou:

— Sou Eros.

Fez menção de tocar o rosto de Psykhé, mas ela recuou assustada:

— Não! Você não é Eros! Onde ele está?

O som grave dos violoncelos sobrepôs-se ao dos violinos. Uma sombra passou pelo rosto de Eros.

— Olhe bem para mim. Meus olhos, minha voz... Não me reconhece?

Psykhé pensou desfalecer. Nenhum olhar poderia ser mais doce e a voz, já não tinha dúvidas, era a voz de seu amor. Eros abraçou-a com ternura.

— Dragão, nuvem, estrela no céu... formas entre tantas outras infinitas formas. Sou alguém que a ama. Alguém que você pode amar.

— Mas, e o seu aspecto antigo? Essa transformação... Afinal, quem ou... como você é na realidade?

Eros sorriu, beijou de leve os cabelos de Psykhé e disse, o olhar mergulhado nos olhos dela:

— Eu sou como você me vê.

20

Tehon dobrou o agasalho e guardou com cuidado dentro da pequena valise. Não fazia ideia do que deveria levar. Na noite anterior, em um sonho, havia recebido o convite de Psykhé e o aviso de que estariam juntos na noite seguinte.

De manhã, ao acordar, acreditou que tudo tivesse se passado, unicamente, em sua imaginação. No entanto, no final da tarde, foi tomado por inquietações. Alguma coisa lhe dizia que devia se preparar para a viagem e aguardar.

Procurou no quarto de Psykhé uma antiga gravação. Sentia falta de música. Escolheu um concerto para oboé e se sentou em sua velha cadeira reclinável. Os sons da orquestra encheram o aposento. Fechou os olhos e procurou relaxar. Creneia e Oréada ficariam fora todo o final de semana, em casa de amigos, e a possibilidade daquela viagem inesperada o deixara muito agitado.

Lembrou-se da visita de Akésius, um dia antes, para contar, cheio de entusiasmo, que os projetos de reconstrução ambiental do planeta, abandonados em favor das expedições interdimensionais, haviam sido retomados. Uma grande equipe, formada por cientistas e profissionais de várias áreas, lançava-se, cheia de esperanças, às promessas de um audacioso programa de resgate da biosfera.

O fracasso do projeto de colonização de Eros havia sido decisivo para o enfraquecimento dos poderosos conselhos governamentais e, em breve, uma frota partiria para reatar contatos com a Federação Cósmica. Tehon sorriu. Psykhé certamente gostaria de saber dessas novidades.

A música alegre cresceu ainda mais em força e beleza. Deixou que os sons invadissem os seus sentidos, sua mente, seu coração. Mesmo que Psykhé não viesse, que tudo não tivesse passado de um sonho bom, a música trazia, mais viva, a lembrança da filha, aproximava-o dela. E isso, só isso, talvez pudesse ser o bastante.

21

O grande asteroide capturado pela força gravitacional de Eros cumpria, como Selene, quatro fases sucessivas e regulares. O planeta continuava se modificando, se adaptando à presença viva do novo astro. Eros já não estava só em seu navegar pelo universo.

Psykhé caminhava devagar, ouvindo a música do vento nas copas das árvores. Pensava que a vida em Eros havia lhe acrescentado coisas preciosas como a água, as plantas, os pequenos animais, o vento, as nuvens e... o eterno. Uma dimensão desconhecida dela mesma se revelara. Fazia parte daquele mundo e se sentia feliz.

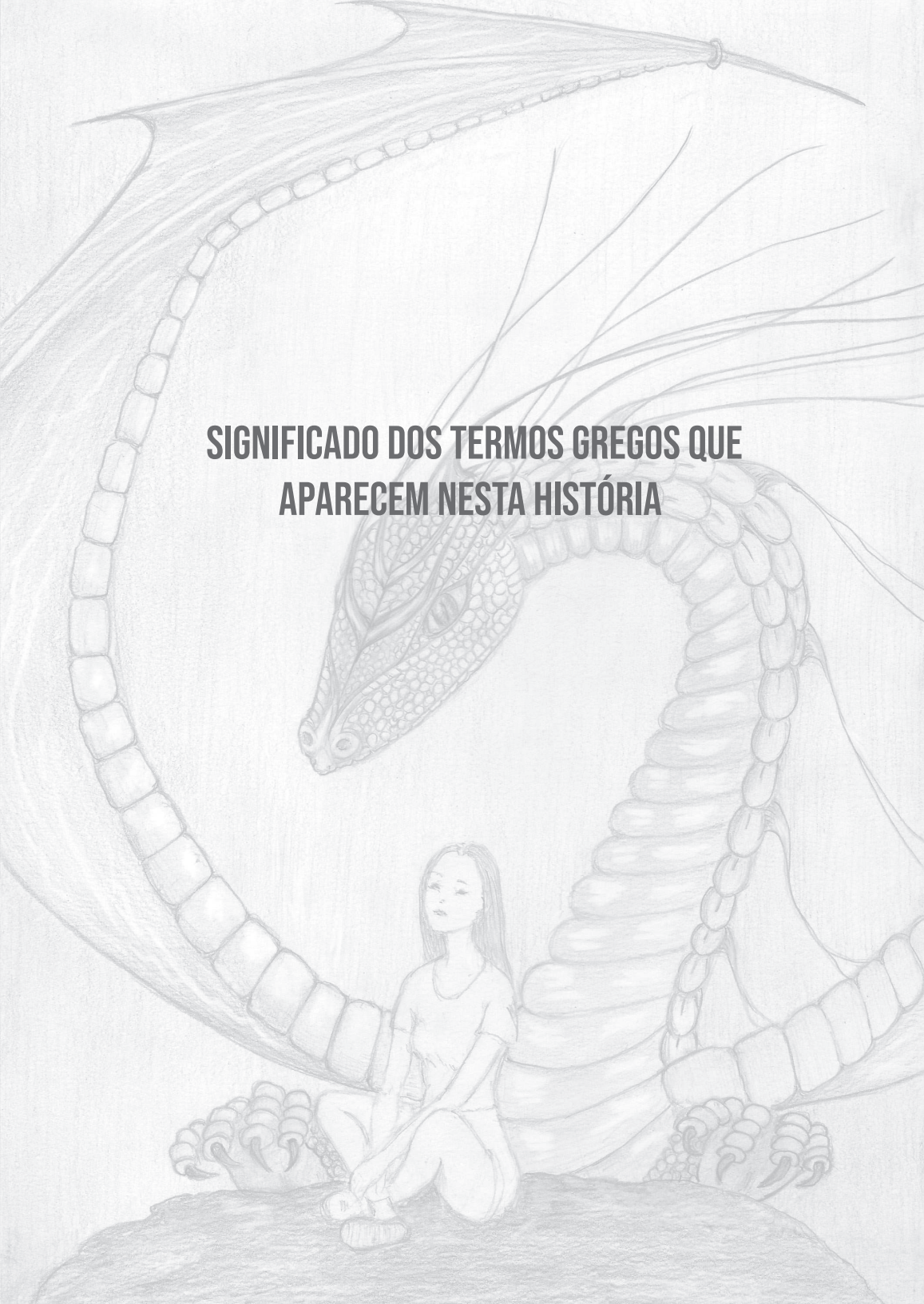
Sentou-se à beira de um penhasco. Lá embaixo as ondas do mar batiam de encontro aos rochedos. Gostava de noites como aquela, quando o satélite, em sua fase plena, refletia com mais

intensidade a luz de Logos. Não cansava de admirar a beleza daquela luminosidade doce, frágil, e dos reflexos prateados que davam à paisagem um aspecto misterioso e mágico. Eros chamava o astro que agora governava o céu noturno pelo seu nome: "Psykhé".

Um grande pássaro de penas brilhantes mergulhou no oceano para erguer-se, logo em seguida, num voo ascendente e vertical. O vento trouxe o chamado de Eros. Psykhé acenou e correu até onde ele a esperava.

— Vamos buscar Tehon?

Ela sorriu e o abraçou ternamente. Pensava que, ao aceitar casar-se com Eros, ganhara muito mais que um companheiro apaixonado. Trazia agora, em si, a dimensão do infinito, a plenitude de todas as possibilidades. Uma vida além da vida. A eternidade.



SIGNIFICADO DOS TERMOS GREGOS QUE APARECEM NESTA HISTÓRIA

Akésius. Esse termo é um atributo do deus Apolo e significa "aquele que cura".

Creneia. Nome dado às ninfas das fontes.

Delta. Quarta letra do alfabeto grego.

Eros. Para os gregos, Eros nasceu do Caos primitivo, sendo a força atrativa que leva a ordem ao caos, aglutinando a matéria e criando vida. É uma força fundamental no universo. Não só assegura a continuidade das espécies como a coesão da matéria cósmica. Personificado, é o deus do amor, o belo filho de Afrodite.

Gaia. Esse é o nome da Terra, que para os gregos era uma divindade primordial, surgida do Caos. Gaia criou Urano, o céu, as montanhas e o mar. Da união de Gaia com Urano nasceram os primeiros seres.

Helios. Divindade que, na Antiga Grécia, representava o Sol. Era venerado como o "olho do mundo", aquele que tudo vê. Foi mais tarde suplantado por Febo Apolo, deus da geração dos olímpicos, porém, ainda hoje, a palavra para designar "Sol", em grego, é "Helios".

Logos. Palavra grega que significa razão, conhecimento, saber, ou, ainda, a palavra humana, o discurso.

Oréada. Nome dado às ninfas que habitavam montanhas e colinas.

Psykhé. Esse termo grego se origina do verbo "psykhein", soprar, respirar, e significa sopro, princípio vital. Psykhé é a personificação da alma humana. Pronuncia-se "psiquê".

Selene. Divindade que representa a Lua. Em algumas tradições aparecia também como filha do Sol. Mais tarde foi assimilada à deusa Ártemis. Ainda hoje a palavra grega para designar "Lua" é "Selene".

Sigma. Décima oitava letra do alfabeto grego.

Tehon. Termo de origem judaica. Tem o significado de "oceano primordial" gerador de todas as coisas do universo.

Typhon. Era filho de Tártaro (abismo profundo) e Gaia. Representava a violência, a cegueira e a estupidez das forças primordiais. Pronuncia-se "Tífon".